

Metamorfose e Transformação Urbana. Estratégias de Intervenção – O Polígono Sur em Sevilha¹

Margarida Louro

Arquiteta, Professora Auxiliar da F.A.U.T.L.
mlouro@fa.utl.pt

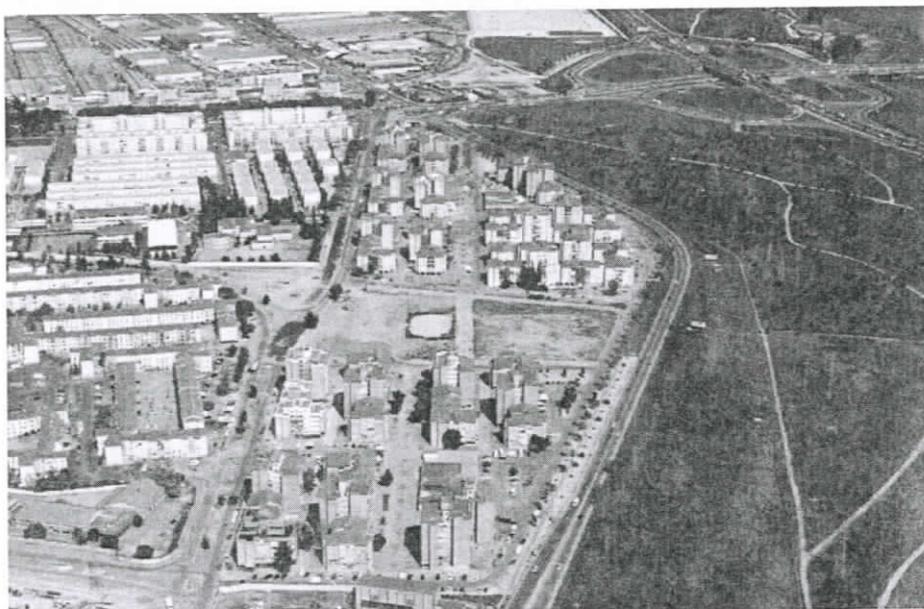


Fig. 1 POLÍGONO SUR – VISTA AÉREA (fonte: Seminário Internacional: ARQUITECTURA Y CONSTRUCCIÓN. EL PAISAJE COMO ARGUMENTO, Sevilha, 2007).

¹ Este artigo foi elaborado a partir da participação como oradora convidada, pelo grupo de Investigação *Proyecto Progreso Arquitectura*, no Seminário: ARQUITECTURA Y CONSTRUCCIÓN. EL PAISAJE COMO ARGUMENTO, organizado pela Universidade Internacional de Andalucía, que se realizou em Sevilha em Outubro de 2007 – colaboração de: Francisco Oliveira.

² Instituições académicas e oradores envolvidos no evento: Prof. Manuel Ramos Guerra (ETSA-US), Prof. Eduardo González Fraile (ETSA-UV), Prof. Amadeo Ramos Carranza (ETSA-US), Prof. Alberto Altés Arlandis (ETSAV-UPC), Prof. Francisco Daroca Bruño (ETSA-US), Prof. Francisco Reina Fernández-Trujillo (ETSA-UV), Prof. Miguel Ángel de la Cova Morillo-Velarde (ETSA-US), Prof. Eduardo Delgado Orusco (ETSA-UCJC), Prof. Guillermo Pavón Torrejón (ETSA-US), Prof. Margarida Louro (FA-UTL), Prof. Alberto Cuchi Burgos (ETSAV-UPC), Prof. Rosa María Añón Abajas (ETSA-US), Prof. Teresa Pires da Fonseca (FAU-UP), Prof. Nicoletta Noccolosi (FAC-US), Prof. José Ramón Sola Alonso (ETSA-UV), Prof. Miguel Suárez-Cantón Huertas (ETSA-US), Prof. Valentín Trillo Martínez (ETSA-US), Prof. José Altés Bustelo (ETSA-UV), Pablo López Santana/Andrés Barrado Vicente (ETSA-US), Prof. Roberto Luna Fernández (ETSA-US), Prof. Tomás Curbelo Ranero (ETSA-US).

Resumo

Este artigo formalizou-se no seguimento da participação no seminário internacional: ARQUITECTURA Y CONSTRUCCIÓN. EL PAISAJE COMO ARGUMENTO, que se realizou em Sevilha em Outubro de 2007, e que reuniu quase meia centena de alunos e professores de diversas escolas de Portugal, Espanha e Itália, em torno da temática da *paisagem* como argumento de projecto e de construção arquitectónica.² Neste sentido para além do registo da reflexão teórica que pautou o evento nas diversas temáticas abordadas e oradores envolvidos, procurou-se sobretudo evidenciar a acção de intervenção em torno de uma das zonas seleccionadas: o *Polígono Sur* em Sevilha. Esta zona protagonizando um contexto de bairro marginal, a sul do aglomerado metropolitano de Sevilha, assume-se como pretexto na construção de estratégias de reflexão crítica, sobre as quais se operam acções de metamorfose e transformação urbana, e que visam a construção de novas urbanidades.

Palavras-Chave: Transformação Urbana, Regeneração, Urbanidade, Sevilha, *Polígono Sur*.

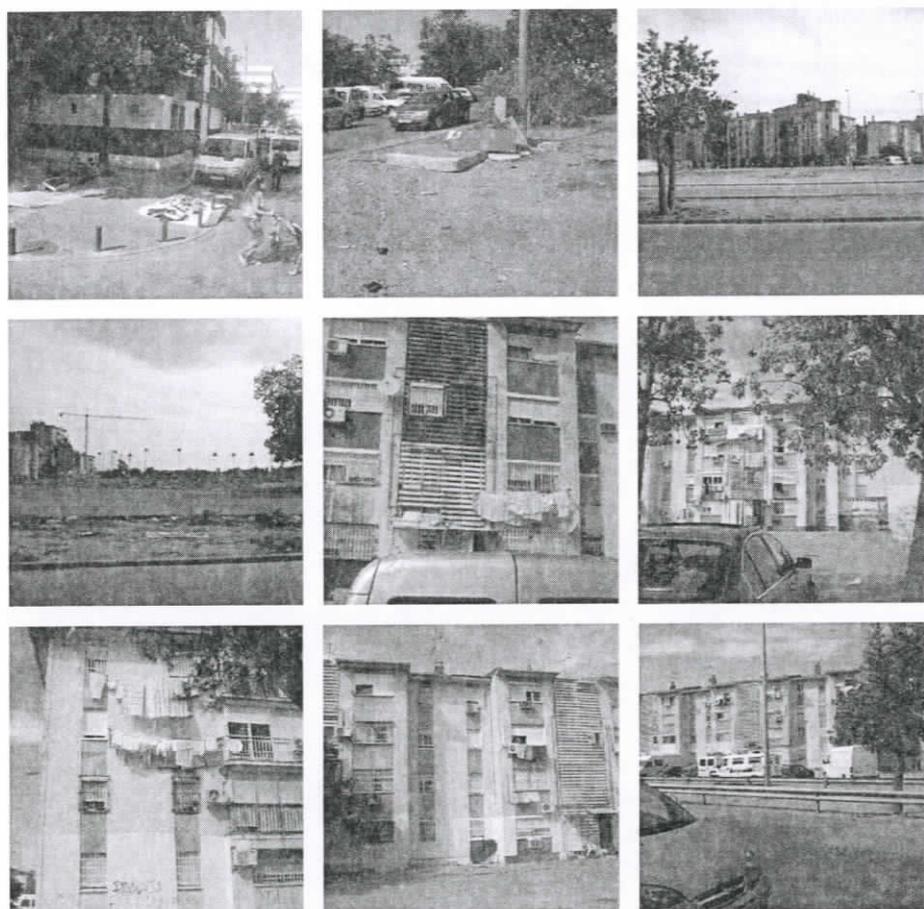


Fig. 2 a 10 POLÍGONO SUR – REGISTOS DE LEVANTAMENTO (Margarida Louro, 2007).

Polígono Sur – Enquadramento Geral

O Polígono Sur, gerou-se a partir dos anos setenta, com o formato de aglomerado de bairros, seguindo um modelo de cidade aberta constituído por blocos de edifícios em altura. Os equipamentos acabaram por surgir posteriormente como elementos de transição entre esses diversos bairros, que resultaram insuficientes para uma população que se estima hoje em cerca de 50 000 habitantes. As grandes áreas destinadas a zonas de verde acabaram por permanecer com o estatuto de *vazios expectantes*. Deste modo, não há parques, nem jardins em toda a envolvente desta zona. Os vazios que existem, ou são zonas de estacionamento, ou tão-somente, vazios desterritorializados. Preconizam não apenas a ausência de infra estruturas e equipamentos como evidenciam um conflito subjacente que de certo modo preconiza a degradação e desqualificação. De certo modo denuncia-se aqui uma falência de modelo de cidade, que em termos teóricos assumiu propostas de sucesso noutras zonas da Europa. Neste sentido a temática de repensar esta área, surge como uma questão que tem de ser vista em toda a sua amplitude, incluindo predisposições funcionais, estéticas, éticas, onde se incluem os parâmetros quantitativos formais, mas também as condições sociais, culturais, as expectativas de uso e participação e convivência das populações. Reflexão que se complementa

pela visão proposta igualmente neste seminário para a zona a norte de Sevilha: a *Huerta de la Reina*. Uma zona de vazio agrícola, agora aberta a uma proposta de urbanização face ao vazio improdutivo que preconiza e também ela eleita como área de reflexão. Esta comparação crítica desta outra área evidencia ainda mais a ausência de habitabilidade do *Polígono Sur*, onde não existem as condições mínimas e básicas de vivência urbana e de cidadania: a população aloja-se mas não habita... Os espaços da cidade para passear, para conviver, são espaços que sobram, não são espaços pensados, intencionados, são interstícios entre os quarteirões, entre os vazios ocupados pelas infra estruturas, pelos edifícios, pelos estacionamento. A ausência de espaço público, no seu sentido pleno, reflexo de cidadania, e habitabilidade urbana, representa-se num desprezo, numa ausência e numa apatia. A ambição de repensar este lugar como espaço de inter conexão com outras zonas da cidade, assim como articular questões internas de intercâmbio e convivência entre os diversos bairros que o constituem, assumem-se como aspectos de reflexão primordial. Neste contexto inclui-se obviamente as diversas propostas e expectativas que se têm vindo a desenvolver no âmbito de diversos planos gerais, a partir do qual se propõem propostas de integração desta zona no tecido metropolitano da cidade. Deste modo e no âmbito das discussões levadas a cabo em termos de intervenção nestas duas zonas: *Polígono Sur* (a sul de Sevilha) e *Huerta de la Reina* (a norte da cidade), as questões mais pertinentes, evidenciam-se em como se pode a norte intervir potenciando a natureza, sem que essas novas construções sejam uma perturbação e um desequilíbrio no lugar, ao passo que a sul, a questão mais pertinente é como recompor esta deterioração territorial e urbana, dotando o espaço de experiência de urbanidade e cidadania, onde embora, as casas existentes cubram as necessidades actuais, os espaços colectivos, públicos, verdes, equipamentos, etc... são escassos, ou mesmo inexistentes. É neste sentido que se abre a oportunidade de a partir de um tema de reabilitar bairros marginais em zonas caracterizadas por vazios disseminados através de equipamentos, e se assume uma oportunidade para reflectir criticamente, redefinindo estratégias, lugares, recriando, os interstícios, os enclaves, identificando pólos de urbanidade, estabelecendo comunicações entre as várias zonas do bairro, rompendo as barreiras, motivando e incentivando usos públicos e urbanidades...

Estratégias de Intervenção Crítica

É neste contexto de reflexão objectiva que se abre a proposta de abordagem de estratégias de intervenção teórica mais amplas e abrangentes, onde para além de formalizar respostas, se procura a dimensão dos problemas e um reenquadramento crítico das principais questões que estão subjacentes a esses mesmos problemas.

Neste contexto crítico, perante esta falência de urbanidade, a principal inquietação sobressai na condição contemporânea da relação entre o desejo e o território. No contexto específico do *Polígono Sur*, e a par com as diversas características da zona a principal questão que se levanta é que governabilidade e sustentabilidade ambiental?

Perante um território de falência, um território que não é desejado, que não é eficaz do ponto de vista da arquitectura. Ou seja um território onde se protagoniza a falência estética – *um território feio*, a falência funcional – *um território que não funciona*, e a falência ética – *um território mau*. No fundo sintetiza a falência global da cidade (definida por Aristóteles na sua *Política*), porque não proporciona *felicidade*, e neste sentido questiona na globalidade a sua eficácia formal, funcional, etc...

A partir deste ponto, enquadra-se a cultura contemporânea e as estratégias que contaminam um mundo globalizado, onde coexistem os desejos globalizados. Ou seja os conceitos de vida *feliz e boa*, constroem-se a partir de arquétipos generalizados que se estruturam em diversos aspectos. No conceito de rede, que embora iniciado de uma forma mais sistemática sobre o contexto económico, se reflecte actualmente sobre o território. Neste âmbito e de forma extremamente acentuada o conceito de rede, instaura-se como paradigma da condição da cidade actual. As redes tomam lugar de forma determinante na caracterização dos lugares. Neste sentido a cidade e o espaço urbano é chamado a actuar no sentido da construção de cenários, que de forma virtual actuem em determinados momentos de modo temporário, sendo sucessivamente substituídos por outros. Neste contexto e directamente ligado à acção de projectar a questão se poderão os arquitectos encontrar novas e significativas relações com o consumo que ajudem as pessoas a encontrar o seu lugar na sociedade e auto-organizarem a sua vida diária, assume-se como pressuposto de estratégia primordial. O espaço público surge como aspecto nuclear da vida urbana em comunidade, assente na condição necessária do convívio entre os cidadãos. Hoje, os *media*, definem novos parâmetros de socialização pela presença à distância: definida nos conceitos de tele-presença e tele-distância, onde o privado ganha uma nova dimensão, extrapolando as barreiras tradicionais da presença física pela imagem monitorizada do ecrã. O modelo urbano actual de cidade confronta-se com uma lógica simultânea de organização interna. No fundo as redes pressupõem sempre duas ordens de abordagem: a *local* e a *global*. Assumem-se no paradigma da estrutura fractal onde cada parte possui uma certa similitude em relação ao resto do conjunto. E neste contexto evidencia a estratégia temática deste seminário: a *paisagem*, a paisagem como argumento de construção dos lugares.

Enquadrado neste âmbito e partindo de uma asserção teórica desenvolvida no âmbito do 5º Seminário Internacional de Arquitectura, ocorrido na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa em Julho de 2007 sobre o tema: *O Belo e o Feio*,³ apresentam-se três acções estratégicas desenvolvidas sobre a temática do espaço urbano em crise, onde diversos intervenientes (fotógrafos, artistas plásticos, arquitectos), intervêm sobre o panorama do feio, entendido na sua dimensão global de conceito alargado, potenciando através de diferentes graus de intervenção, estratégias de reavaliação e requalificação. Ou seja, tanto a partir de novas formas de olhar, como a protagonizada por Enrique Concha no seu trabalho fotográfico de *graffitis*, realizado na recolha que fez pelo mundo fora, reenquadra esses gestos de transgressão urbana, em novas plásticas de figuração, dotando-as de um novo sentido estético.

3 Referência ao workshop: *Fragments Urbanos: Ética e Estética na Cidade Contemporânea*, desenvolvido no âmbito do 5º Seminário Internacional de Arquitectura, ocorrido na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa em Julho de 2007, onde partindo de visão crítica sobre o espaço urbano contemporâneo na sua condição de realidade fragmentada, se assume como principal objectivo a reflexão crítica sobre o estatuto da cidade actual, perante as valorações estéticas do belo e do feio e correspondentes valorações éticas do bem e do mal.

Outra estratégia de reenquadramento valorativo, assume igual forma nas abordagens plásticas em formato de escultura urbana, promovidas pelo metropolitano de Lisboa, durante o final da década de 90, e levadas a cabo por diversos artistas na requilificação dos tapumes provisórios que revestiam os estaleiros das obras das diversas estações em construção.

Finalmente as acções teóricas levadas a cabo pelo arquitecto Lebbeus Woods, onde a partir de territórios urbanos destruídos pela guerra, imprime novas formas de ordem (a que chama *heterarquias*) a partir de uma estética da destruição, que retoma uma nova valoração estética, ética e funcional.

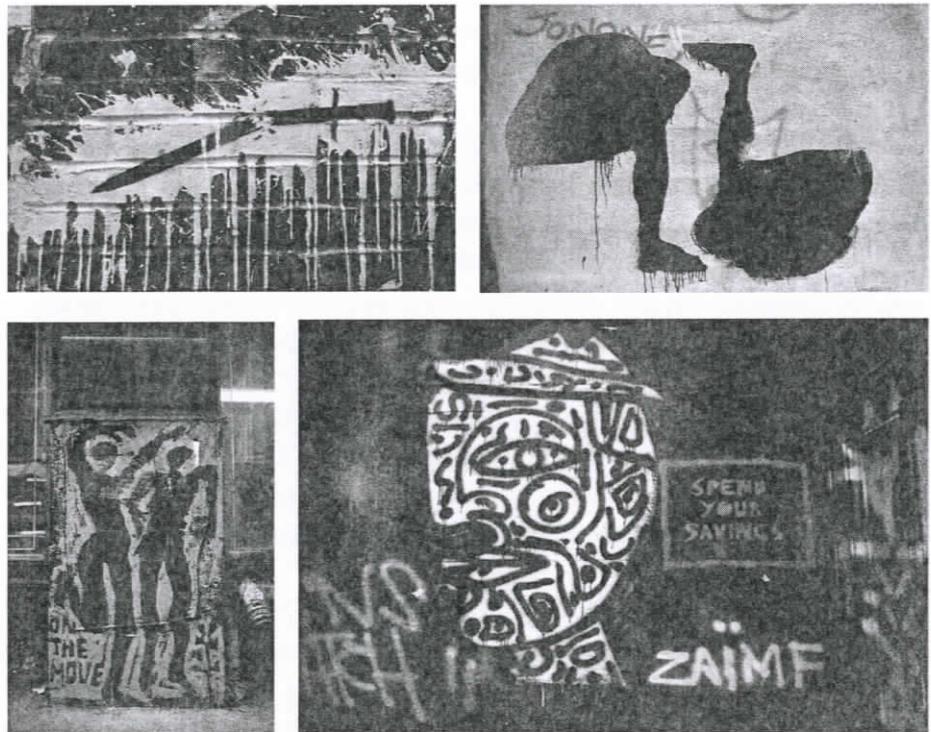


Fig. 11 a 14 ESTRATÉGIA 1 – URBANIDADES (Enrique Concha, 1987)

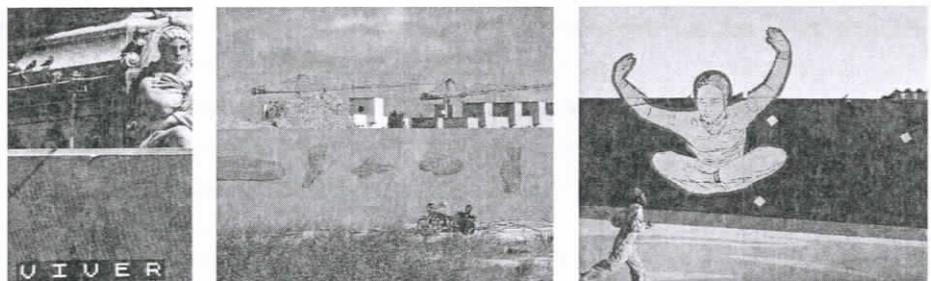


Fig. 15 a 17 ESTRATÉGIA 2 – ENCENAR A CIDADE (Metropolitano de Lisboa, 1994)

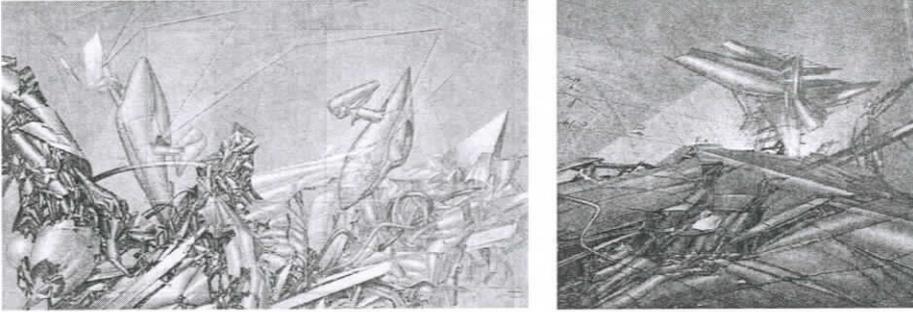


Fig. 18 a 19 ESTRATÉGIA 3 – HETERARQUIAS (Lebbeus Woods, 1997)

Contributos para Conclusão

Em termos de síntese de forma a estabelecer um conjunto de conclusões sobre as diversas abordagens debatidas ao longo deste seminário, três questões/reflexões se levantam:

I. Qual o papel do “levantamento”, enquanto estratégia de interiorização do lugar pelo arquitecto, como o grande medidor do espaço e do tempo, no contexto arquitectónico e urbano contemporâneo?⁴

Numa estrutura globalizada, onde se imprimem novas formas de aferição à distância, como as vistas aéreas ou o depósito de imagens de lugares extraídos do google,⁵ etc..., onde se promovem *projectos tipo*, abordagens *standard*, *capsulizadas* do real, será possível reinventar esse *ver da pele* como refere Juani Palashama,⁶ onde os lugares se tornam imediatamente *projecto*, como referiu Manuel Ramos Guerra (ETSA-US) na sua comunicação “Yo no hecho la casa. He hecho el paisaje”.

O corpo assume-se como privilégio de integração e síntese com o ambiente envolvente: o mundo e o eu informam-se e redefinem-se constantemente um ao outro.⁷ Esta fenomenologia alargada, assume-se como instrumental na construção de uma nova perspectiva crítica da relação entre a fenomenologia e a arquitectura, em geral e na relação entre a apropriação urbana e o espaço público em particular. Assumir a experiência sensorial como estratégia de participação e integração do espaço envolvente, insurge-se como temática preponderante. A experiência estética do espaço urbano, nos seus extremos de valorização entre o belo e o feio, assume-se como uma experiência sensorial, onde as *qualidades do espaço, da matéria, da escala, se medem em partes iguais pelos olhos, pelo ouvido, pelo nariz, pela língua, o esqueleto e os músculos*.⁸

II. Será esse contexto de intervenção um sistema perverso regido pelas determinações capitalistas do Yen, do Euro e do Dólar (sistema YES), numa abordagem de subversão versus cooperação?⁹

Neste sentido podemos enquadrar as duas temáticas de intervenção territorial, ou melhor os dois argumentos que pautaram o encontro e a acção de intervenção

4 Referência a uma série de intervenções/comunicações: Eduardo González Fraile (ETSA-UV), José Altes Bustelo (ETSA-UV), Teresa Pires da Fonseca (FA-UP), Amadeo Manuel Ramos Guerra (ETSA-US).

5 Especial referência à comunicação “Agro-urbe: anatomias del paisaje” de Miguel A. De la Cova Morillo-Verde (ETSA-US).

6 Juhani Pallasmaa, *Los Ojos de la Piel – La arquitectura e los sentidos*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, SL, 2006 (trad. de *The Eyes of the Skin – Architecture and the Senses*, Chichester, Wiley -Academy, 2005).

7 Referência a Juhani Pallasmaa, *Los Ojos de la Piel – La arquitectura e los sentidos*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, SL, 2006, p. 42.

8 Ibid.

9 Referência às intervenções/comunicações de: Alberto Altés Arlandis (ETSAV-UPC) e Margarida Louro (FA-UTL).

e reflexão: a *Huerta de la Reina*, e o *Polígono Sur*,¹⁰ nessa ambígua correlação sistémica entre a vontade de reabilitar, construindo/desconstruindo o *mau* existente como acontece na zona do *Polígono*, e preservar a área verde, uma reserva natural, estruturante na sustentabilidade paisagística e ambiental da área metropolitana da cidade de Sevilha, como protagonizam os terrenos da *Huerta*.

O consumo como fundamento das estratégias pós modernas de planeamento e reorganização territorial, manifesta-se pela promoção de diferenças. No fundo, e derivando do próprio paradoxo da integração e globalização, assiste-se a uma espécie de *homogeneização diversificada*, que em termos territoriais, assenta no empenho da competitividade e exclusividade dos lugares. Se para o movimento moderno o esforço se dirigia para o alcance de objectivos comuns/comunitários, para o pós modernismo, a acção primordial é diferenciar/individualizar, se o critério de ontem era a racionalidade, hoje é o da identidade, se ontem era o universalismo, hoje impera o particularismo, se ontem era a função, hoje é o prazer.¹¹

Na base destas acções de divulgação e de motivação do desejo, actuam mecanismos eficazes, sobre os quais operam as diferentes acções publicitárias – os meios de comunicação. Na base deste processo define-se uma espécie de reciclagem mediática. Ou seja, tal como em qualquer dimensão característica da sociedade contemporânea, actuam formas de qualificação cíclica. Rejuvenescimento e obsolescência, actuam como conceitos fundamentais na sobrevivência dos espaços, o caso dos espaços comerciais, e da sua actual remodelação com base em funções de ócio e lazer são um exemplo significativo disso. De certo modo, este conceito associa-se à repúdia da exclusão, distanciação, desqualificação, sobre as quais interagem directamente as estratégias de consumo nas suas diversas vertentes.

Em suma, a sociedade contemporânea revela-se nesta nova condição, onde o consumo se instaura como condição omnipresente assente sobre o estatuto da abundância. A incerteza estabelece-se no fundo entre a *homogeneização* e a *diferenciação*. No campo específico da arquitectura e da cidade, assiste-se obviamente a uma cedência a todos estes factores globais numa lógica contaminante à qual Rem Koolhaas,¹² define de sistema YES\$.

O sistema YES\$, corresponde metaforicamente à economia de mercado que rege a estrutura mundial assente no *Yen*, no *Euro* e no *Dólar*. De certo modo o sistema YES\$ protagoniza a relação da cidade e da arquitectura com os alicerces da economia mundial e da forma como essa estrutura, condiciona e manipula determinados aspectos da concepção actual.

Na arquitectura, pela introdução de um conjunto de factores que impeliram um processo de mudança, assim como uma predisposição imobiliária que confere às diversas intervenções um cariz verdadeiramente comercial. Do mesmo modo o consumo massificado invadiu a estratégia conceptual da cidade como uma situação omnipresente, no sentido de uma textura imperceptível que invade todas as estratégias de intervenção e de projecto.

10 Referência às diversas estratégias apresentadas pelo corpo docente que integrou o seminário para o *Polígono Sur*: Francisco Reina Fdez-Trujillo (ETSA-US), Félix de la Iglesia Salgado (ETSA-US), Margarida Louro (FA-UTL), Nicoletta Nocolosi (FAC-US), Miguel Suárez-Cantón Huertas (ETSA-US), Pablo López Santana (ETSA-US), Andrés Barrado Vicente (ETSA-US), Tomás Curbelo Ranero (ETSA-US), Valentín Trillo Martínez; e para a *Huerta de la Reina*: Francisco Daroca Bruño (ETSA-US), José Altés Bustelo (ETSA-UV), Guillermo Pavón Torrejón (ETSA-US), Alberto Cuchi Burgos (ETSAV-UPC), José Ramón Sola Alonso (ETSA-UV), Roberto Luna Fernández (ETSA-US).

11 Giandomenico Amendola, *La Ciudad Postmoderna – Magia y Medio de la Metrópolis Contemporánea*, Madrid, Celeste Ediciones, 2000, p. 61.

12 «Trabalhamos no seio do "sistema YES", trabalhamos integrados no "sistema YES", trabalhamos com o "sistema YES" e trabalhamos contra o "sistema YES".» Rem Koolhaas, "YES", *Prototipo007 - Seminário de Arquitectura Prototipo '01 Cidade em Performance*, n.º 7, Agosto de 2002, p. 163.

“(...) uma mudança da oferta livre de atracções à população em geral, feita por entidades essencialmente públicas, para um tipo de cidade que, hoje em dia, é, em grande parte (e de forma crescente) uma empresa privada onde toda a gente tem que pagar pelas suas atracções e divertimentos.” Rem Koolhaas.¹³

III. E finalmente qual o estatuto da arquitectura e de forma personalizada e directa, do arquitecto, enquanto sujeito crítico face a esse panorama de complexidades e a essas diversas inquietações? ¹⁴

Neste sentido sobressai a afirmação e a reclamação de um estatuto. O delinear de uma estratégia própria, sobre um campo de acção específico que embora interdisciplinar, assume de forma inequívoca a acção da arquitectura e do arquitecto de modo independente face aos contextos existentes – *as paisagens*, conferindo-lhe argumento no grande enredo que é o projecto.

É perante esta situação de revisão contemporânea, que os meios de actuação sobre a cidade se restabelecem significativamente, indo ao encontro das complexidades subjacentes a uma realidade urbana em constante transformação. Neste sentido, o planeamento, como meio estruturante de colectivamente reajustar o processo de desenvolvimento espacial a novas formas de produção, utilização e apropriação do espaço urbano decorrente de um enquadramento cultural e social integrado no seu tempo, tende a adequar-se a uma situação dinâmica, de constante transformação.

Os novos contextos de abordagem, requerem uma nova *postura* perante o planeamento urbano com a convicção de que é necessário entender e actuar sobre as condições sócio-económicas do desenvolvimento, não apenas nas suas consequências: segregação, desemprego, reestruturação económica, especulação imobiliária, degradação ambiental, mas sobretudo antevendo e actuando preventivamente, de modo a estimular um ambiente local propício tanto ao habitar como à iniciativa empresarial ou à inovação social num contexto crescente de competitividade interurbana.

Deste modo e retomando o contraste sintetizado entre a densificação física e a anulação espacial, as opções do planeamento contemporâneo assumem-se como valorização de uma cultura de transformação e de recuperação urbana (reabilitação e refuncionalização) em detrimento de uma cultura de expansão física da cidade. Neste contexto a eficácia da transformação urbana depende da articulação dos vários actores urbanos, não havendo um modelo único para o desenvolvimento da cidade, mas sim princípios gerais que se ajustam e adaptam a cada caso concreto, no qual o sujeito se assume como a estratégia primordial.

13 Ibidem.

14 Referência à comunicação: “Arquitecturas Activas” de Rosa María Añon Abajas (ETSA-US).